# Resistências

## Costurar a vida: memória, cuidado e educação crítica e emancipadora

**Vanessa Marcos**[1]

Vivemos tempos corridos e inquietos, ruidosos e dolorosos, associados a lógicas extrativistas, exploratórias e discriminatórias, de ontem e de hoje. Vivemos, por todo o mundo, o aumento de regimes autoritários, de políticas populistas e de agendas belicistas, permeadas por interesses geoestratégicos e financeiros, que se alimentam da delapidação ambiental, dos conflitos militares, do terrorismo, das migrações forçadas, das crises humanitárias e das desigualdades, da desinformação, dos discursos de violência e de ódio, da criminalização dos movimentos de resistência, numa tendência global de restrição do espaço cívico (CIVICUS, 2025), bem como do enfraquecimento das democracias e do estado de Direito.

Desde a experiência vivida, Carolina Maria de Jesus desabafou, com desalento e como aviso, que "[a] democracia está perdendo os seus adeptos. […] A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia" (2020, p.42)[2]. No pêndulo do tempo, a memória é um território de lutas, é um ser político e relacional, que abarca existências e conhecimentos plurais, frequentemente silenciados e atirados, intencionalmente, para o esquecimento. Foi na urgência de uma consciência crítica e da transformação pela vida, que Berta Cáceres (2015) nos convocou: "Despertemos, humanidade, já não há tempo! As nossas consciências serão abaladas pelo facto de nos limitarmos a contemplar a autodestruição baseada na espoliação capitalista, racista e patriarcal"[3].

O seu apelo sustenta-se nas raízes históricas dos modelos extrativistas e opressores que associam o crescimento ilimitado a progresso e a desenvolvimento, legitimando a exploração de recursos naturais como condição essencial para a construção de civilização (Orozco, 2019, tradução própria). A este respeito, Carolyn Merchant (2024[1980]) apresentou uma crítica à ciência moderna e ao capitalismo, demonstrando como a Revolução Científica contribuiu para substituir uma visão orgânica da natureza por uma visão mecanicista, encarando-a como um

---

1 Tem estado envolvida na conceção, gestão e avaliação de projetos em Cooperação para o Desenvolvimento, Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global e em Direitos Humanos, promovidos por ONGD em Portugal e noutros países. Como membro da equipa TREE-Collective Change, facilita processos de aprendizagem nas áreas da participação social e comunitária, ecofeminismo, género, deficiência e metodologias participativas, construindo colaborativamente recursos educativos. É docente nas Pós-Graduações em Cooperação para o Desenvolvimento na UCP Porto (onde integra também a coordenação científica) e na UCP Lisboa, bem como na Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos (UCP Porto). No âmbito da sua colaboração com a Área Transversal da Economia Social (ATES/UCP Porto) é cocoordenadora do projeto "Transparência nas OES portuguesas" e consultora nas áreas de planeamento estratégico e de avaliação. É doutorada em Sociologia (U. Porto), com mestrado em Desenvolvimento e Relações Internacionais (U. Aalborg, Dinamarca) e licenciatura em Relações Internacionais – ramo Cultural e Político (U. Minho).

2 Excerto do diário de Carolina Maria de Jesus de 20 de maio de 1955.

3 Para informações adicionais consulte: https://www.goldmanprize.org/recipient/berta-caceres/?language=Espa%C3%B1ol.

recurso a controlar, manipular e explorar em benefício humano. Aliás, Mia Couto sublinha que "[a] própria ideia de Ciência – que nos parece isenta e acima de toda a suspeita – é uma ideia tão exclusivista que pode ser entendida como uma ideia gulosa. Gulosa e glutona. Engorda não por comer mas por fazer dieta. E essa dieta consiste em ignorar outras sabedorias, outros sistemas de conhecimento" (2017[2004], p.153), cuja subalternização, constitui uma condição essencial para a manutenção do *status quo*.

As lógicas de dominação e de acumulação de capital enraizadas num sistema neoliberal, em que os governos e as grandes corporações têm uma participação ativa, continuam a mercantilizar e a esgotar ecossistemas locais e globais, moldando a forma como os humanos se relacionam entre si e com o mundo. Os saberes invisibilizados e subalternizados e as estruturas hierárquicas e dualistas da modernidade interpelam-nos, assim, a uma reflexividade crítica permanente que questione "a dupla fractura colonial e ambiental da modernidade" (Ferdinand, 2026, p.285). É na esteira deste enquadramento que Eduardo Gudynas (2016) defende a conceção de "alternativas *ao* desenvolvimento", procurando romper, também, com as conceções "alternativas" *de* desenvolvimento que se sustentam, reforçam e revelam as raízes históricas do pensamento político e ideológico da "modernidade" e do "progresso" e de práticas de dominação e exploração da Natureza que caracterizam o desenvolvimento contemporâneo. O crescimento económico ilimitado alimenta-se de uma visão de desenvolvimento linear e excludente e "[o] problema do desenvolvimentês é que só convida a pensar o que já está pensado por outros. Somos consumidores e não produtores de pensamento" (Couto, 2017[2003]), p.19).

É, por isso, que no campo da educação para uma cidadania global crítica, Vanessa Andreotti (2014) introduziu os conceitos de "literacia crítica" e de "literacia transnacional" assentes no compromisso ético e na responsabilidade educativa de questionarmos criticamente os referenciais e as narrativas ocidentais de progresso e de desenvolvimento, de compreendermos em profundidade as dinâmicas entre as desigualdades e as relações históricas de dominação e de exploração que moldam os imaginários globais e que são reproduzidas quotidianamente. Trata-se, ainda, de reconhecer o nosso papel de conivência com esses processos, para rompermos com padrões hegemónicos e etnocêntricos de pensamento, de representações e de relação (Andreotti, 2014), promotores de violências estruturais em diversas esferas sociais, políticas, económicas e culturais. Neste caminho de problematização dos modelos de produção, validação e reprodução do conhecimento, é fulcral cultivarmos epistemologias e ontologias plurais e dialógicas, numa desobediência a normas e a referenciais dominantes.

Uma prática educativa crítica e emancipadora envolve, também, uma aprendizagem transformadora orientada para o *Bem Viver*, que "[c]om sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, […] abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida" (Acosta, 2016, p.33). Perante a estreita articulação entre os sistemas coloniais e capitalistas e a urgência de assumir conceções alternativas de mundo, Malcom Ferdinand propõe "[a] ecologia-do-mundo [que] presume uma ontologia relacional que reconheça que as nossas existências e os nossos corpos estão entrelaçados nos encontros com uma pluralidade de humanos e uma pluralidade de não-humanos" (2026, p.287). Trata-se de construir uma coexistência pela vida (Cáceres, 2015), num apelo a posicionarmo-nos numa mudança, radical e coletiva, que entrelace diversas cosmovisões, formas de existência e experiências vividas de resistência.

A edição comemorativa da *Revista Sinergias – diálogos educativos para a transformação social*, com o título "Memória, Celebração e Resistências", abraça as memórias vivas do per-

curso coletivo do Sinergias ED, celebrando os seus caminhos de problematização, de experimentação e de diálogo. De igual modo, convoca à reflexão sobre as resistências para a Transformação Social e a necessidade de convergência das mesmas na construção de cidadanias críticas e comprometidas. Em tempos de fragmentação relacional e afetiva, e reconhecendo que "cuidar é a forma mais profunda de conhecimento e resistência" (Ifaobanla, 2025, p.19, tradução própria), importa cuidar das resistências insubmissas, desobedientes e criadoras de espaços de participação plural.

O Caderno "Memória, Celebração e Resistências" é, assim, um convite à participação e ao posicionamento, enquanto exercícios intencionalmente políticos de reconhecimento de dinâmicas de poder e do potencial de transformação de imaginários, de narrativas e de territórios, materiais e simbólicos, de opressão. As diversas resistências convocadas neste Caderno apelam a uma consciência crítica em torno das ontologias, epistemologias e pedagogias dominantes, apresentam o cuidado como prática de resistência ético-política e defendem uma ação educativa dialógica e comunitária para a transformação social.

Esta mudança envolve uma política da resistência e do cuidado capaz de redefinir o lugar do coletivo, assente em formas de utilização partilhada de bens e em estilos de vida apoiados na suficiência. Com efeito, as transições pós-extrativistas que pretendem transpor o modelo de desenvolvimento contemporâneo, a partir de práticas e ritmos diversos e complementares encetados pelo Estado ou pela sociedade civil, implicam transformações culturais, políticas e jurídicas que alterem padrões de consumo, fortaleçam a estrutura democrática e a participação social, ampliem o âmbito da cidadania, implementem mecanismos de regulação social do mercado e do Estado e reconheçam os Direitos da Natureza (Gudynas, 2016). Nesta conceção de mundo, "[o]s direitos da natureza anunciam uma mudança civilizatória profunda, que questiona as lógicas antropocêntricas dominantes e se converte em uma resposta de vanguarda diante da atual crise civilizatória" (Svampa, 2023, p.452).

A mudança civilizatória referida implica "[r]eorganizar a economia tendo os tempos da vida como referência" (Nobre & Moreno, 2020, p.48), afinal, "[o] modelo de…a vida" (Herrero, 2020, p.16). A "sustentabilidade da vida" constitui, deste modo, uma proposta analítica e política que defende romper integralmente com o sistema biocida atual e valorizar todas as formas de vida (SOF & Colectiva XXK, 2021), a partir de uma relação de harmonia (Svampa, 2023) e de cuidado. Trata-se de uma rutura com a visão antropocêntrica do cuidado para uma prática ético-política assente em relações de interdependência e responsabilidade entre humanos e não humanos (de la Bellacasa, 2017), reconhecendo que o cuidado como epistemologia envolve conhecimentos produzidos desde a experiência vivida e da estreita relação com os territórios habitados.

Assim, "[a]s Epistemologias do Cuidado consolidam-se como um projeto político e pedagógico aberto, onde a memória, a espiritualidade e a justiça epistémica são pilares de transformação" (Ifaobanla, 2025, p.2, tradução própria), em defesa da vida. No tempo compassado do cuidado, Lázara da Silva Mota partilha que "O tempo passa, e fico sempre dentro dele, costurando a vida. Às vezes não penso em nada, fico só ali mesmo, costurando. É bom demais" (2022, p.67). Os territórios do cuidado são, por isso, políticos, corporais, afetivos e criativos, em que "[o] cuidado como epistemologia política inclui os saberes ancestrais dos nossos povos, o valor do tempo, a ética e a estética dos nossos corpos, assim como a proteção da terra comum. Cuidar não é apenas uma ação, é responsabilidade, um compromisso moral e político" (Ifaobanla, 2025, p.12, tradução própria), é resistência e uma prática relacional e coletiva.

Entre as vozes faladas e escutadas, é fundamental reconhecermos que a memória é matéria viva e que, nos tempos da vida, a consciência crítica sobre a realidade que (não) ocupamos

implica-nos numa responsabilidade conjunta, assumida enquanto processo e posicionamento político. Na vivência diária das violências estruturais (materiais e simbólicas), cuidemos da memória, cuidemos do corpo, reaprendendo a ouvi-lo (Nobre & Moreno, 2020, p.48), e cuidemos da pluralidade do mundo, dos seus corpos humanos e não humanos e das relações intrínsecas, assumindo este cuidado como um compromisso com a vida e, portanto, de resistência radical e ativa às lógicas coloniais, patriarcais e capitalistas.

Na escuta de todas as palavras, silêncios, desconfortos e inquietações que ocupam este lugar-tempo de diálogo, e em jeito de memória coletiva, lembremos que "à medida que amadurecem, as nossas lutas geram novas ideias, novas questões e novos terrenos nos quais nos empenhamos na demanda pela liberdade" (Davis, 2020, p.28). São campos de luta, de escolhas e de transformação, com a consciência que "[a] luta precisa de ser praticada e ensinada também" (Takuá, 2022, p.23) para fermentar e fortalecer práticas educativas transformadoras, fundamentais na construção de cidadanias críticas e comprometidas com a rutura estrutural das categorias (dicotómicas e hierárquicas) e das normas que produzem e perpetuam violências e desigualdades, locais e globais. Assim, e na linha circular do tempo, continuemos a fazer-nos ouvir e a "Nunca Calar", conforme cantam Lucio Feuillet e La Muchacha (2023, tradução própria) em protesto:

*"Que pare a roda violenta de todo este sistema*
*Que por dinheiro espreme o sangue e a terra*
*Que nas avenidas ardam os tanques*
*Que sejamos rebanho, leite e peito*
*Semente e espiga, alimento e memória*
*Sancocho[4] de lenha que chegue pra todas*

*Força para resistir*
*Liberdade para escolher*
*Vida para despertar*
*Para dar tudo e nunca calar."*

## Referências bibliográficas


- Acosta, Alberto (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante. ISBN 978-85-69536-02-4.
- Andreotti, Vanessa (2014). Critical and transnational literacies in international development and global citizenship education. *Sisyphus — Journal of Education, 2*(3), 32–50.
- Cáceres, Berta (2015, 22 de abril). *Berta Caceres acceptance speech, 2015 Goldman Prize ceremony* [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AR1kwx8b0ms
- CIVICUS. (2025). *People power under attack 2025*. Disponível em: https://civicusmonitor.contentfiles.net/media/documents/GlobalFindings2025.EN.pdf
- Couto, Mia (2017[2004]). *Pensatempos* (4ª ed.). Alfragide: Editorial Caminho. ISBN: 978-972-21-2863-6.
- Davis, Angela (2020). *A liberdade é uma luta constante*. Lisboa: Antígona. ISBN: 978-972-608-364-1.
- da Silva Mota, Lázara (2022). Cuidar das crianças e dos morangos, o tempo do tricô e a culinária da roça. In Lucila Losito (Org.) *Mulheres de Terra e Água*. São Paulo: Elefante. ISBN 978-85-93115-80-6.
- de Jesus, Carolina Maria (2020). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Edição comemorativa (1960–2020). São Paulo: Ática. ISBN: 978-85-08-19655-5.
- de la Bellacasa, Maria Puig (2017). *Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds*. University Of Minnesota Press. ISBN: 9781517900656.


[4] Prato tradicional de vários países da América Latina e das Caraíbas.

- Ferdinand, Malcom (2026). *Uma ecologia decolonial*. Lisboa: Orfeu Negro. ISBN: 978-989-9225-48-0.
- Feuillet, Lucio & La Muchacha (2023). *Nunca Callar* [Música]. Em Mínimo infinito. Lucio Feuillet.
- Gudynas, Eduardo (2016). Transições ao pós-extrativismo Sentidos, opções e âmbitos. In Gerhard Dilger, Miriam Lang, Jorge Pereira Filho (Orgs.) *Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento* (pp.174–212). São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo. ISBN: 978-85-68302-07-1.
- Herrero, Yayo (2020). Economia ecológica e economia feminista: um diálogo necessário. In Ana Isla, Miriam Nobre, Renata Moreno, Sheyla Saori Iyusuka, Yayo Herrero, *Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios* (pp.16–31). São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista. ISBN 978-65-87591-01-8.
- Ifaobanla, Adriana (2025). Las Epistemologías del Cuidado como Proyecto Pedagógico. *Praxis educativa, 29*(1), pp. 1–21. https://dx.doi.org/10.19137/praxiseducativa-2025-290103.
- Merchant, Carolyn (2024[1980]). *A Morte da Natureza: As Mulheres, a Ecologia e a Revolução Científica.* Lisboa: Edições Sempre-em-Pé. ISBN: 9789728870478.
- Nobre, Miriam, & Moreno, Renata (2020). Natureza, trabalho e corpo: percursos feministas e pistas para a ação. In Ana Isla, Miriam Nobre, Renata Moreno, Sheyla Saori Iyusuka, Yayo Herrero, *Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios* (pp.33–51). São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista. ISBN 978-65-87591-01-8.
- Orozco, Amaia Pérez (2019). *Subversión feminista de la economía. Aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficantes de Sueños. ISBN: 978-84-96453 48-7.
- SOF Sempreviva Organização Feminista & Colectiva XXK – Feminismos, pensamiento y acción (2021). *Juntas e misturadas: explorando territórios da economia feminista*. São Paulo. ISBN 978-65-87591-08-7.
- Svampa, Maristella (2023). Debates latio-americanos: indianismo, desenvolvimento, dependência e populismo. São Paulo: Elefante. ISBN: 978-65-6008-011-9.
- Takuá, Cristine (2022). Uma mulher maxakali em uma aldeia guarani: o feminismo comunitário e o Bem Viver como política. In Lucila Losito (Org.) (2022). *Mulheres de Terra e Água*. São Paulo: Elefante. ISBN 978-85-93115-80-6.


ÍNDICE